

## LEITURA E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE A OBRA “ENSINAR A LER, APRENDER A AVALIAR” DE ROBSON DE CARVALHO

### READING AND EVALUATION IN BASIC EDUCATION: A LOOK AT ROBSON DE CARVALHO'S “TEACHING TO READ, LEARN TO EVALUATE” WORK

Jhussyenna Reis de Oliveira (UFPI)<sup>1</sup>

Falar sobre o caráter pedagógico da avaliação é tão pertinente quanto incomum no cotidiano dos professores. Se, por um lado, discutir esse viés já parece algo distante, a prática dele é até impensada. *Ensinar a ler, aprender a avaliar* trata-se de uma obra de linguagem clara e profunda que conseguiu extrair questões relativas, principalmente, à avaliação no ensino; além disso o autor conseguiu expôr cientificamente o que poderíamos até entender como verdadeiro cerne da deficiência brasileira quanto ao ensino da leitura.

A obra, escrita por Robson Santos de Carvalho, é fruto da própria trajetória profissional do autor, o que inclui, especialmente, sua tese de doutoramento defendida em 2014 na Unicamp. Essas referências profissionais são importantes pois mostram a origem de suas estatísticas, que têm como fonte as escolas do estado de Minas Gerais, local onde ele atuou por anos. O livro, ao longo de suas 176 páginas, consegue manter boa fluidez na leitura arrematada, ao mesmo tempo, por dados metodológicos, teóricos e práticos.

Após um prefácio de Celso Ferrarezi, o autor adicionou ainda um prólogo em que procura ambientar o leitor no tema. Nesse momento, ele compartilha uma parte essencial de sua vivência que foi atuar como voluntário na Superintendência Regional de Ensino da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. O seu trabalho era acompanhar um programa de avaliações externas: isso abriu os caminhos necessários para o desenrolar de sua pesquisa.

O livro está dividido em cinco capítulos e uma seção conclusiva. Cada capítulo vai apontando conceitos que são costurados em uma proposta de avaliação construída por Robson. No primeiro capítulo, o autor faz um paralelo a partir dos conceitos de *competência* e *desempenho* para demonstrar ao leitor como essas ideias se aplicam na chamada *competência leitora*. De acordo com ele é responsabilidade do leitor acessar os sentidos de um texto e, esse processo, requer uma série de habilidades que devem ser ensinadas pelo professor.

O autor vai situando os pontos sempre a partir das *matrizes de referência*, já que é de lá que ele extrai o cerne da questão. O capítulo finaliza trazendo à tona uma rápida crítica ao livro didático de língua portuguesa, que (embora considerados os avanços), em geral, condiciona os alunos a localizar informações expressas no texto, distanciando-se da prática da inferência e das interpretações possíveis, duas habilidades extremamente necessárias.

---

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Piauí. Membro efetivo do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Análise de Discurso (NEPAD/UFPI). E-mail: jhussyreis@gmail.com

O segundo capítulo traz uma discussão sobre avaliação em si. O autor elenca as diversas avaliações institucionalizadas pelo Estado e ressalta o péssimo desempenho dos alunos nelas. O que se constata é que maioria dos alunos têm dificuldades com o uso social da escrita e, de modo geral, parece que as avaliações testam habilidades de fato essenciais, entretanto, a escola não tem dado a devida atenção a essas mesmas habilidades.

Assim, os baixos desempenhos dos alunos nas avaliações institucionais geram enorme pressão sobre os professores, que são impelidos pelo sistema a alcançar “notas” maiores. Por sua vez, isso cria uma espécie de tensão profissional, já que os professores entendem a situação mais como uma forma de mero controle sobre o seu trabalho. Um ciclo, então, se forma: não na direção de sanar as deficiências na formação dos alunos, mas na busca incansável por mais “índices” e “notas”.

Robson lembra que foi através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que surgiu a chamada *avaliação diagnóstica*, a partir da ideia de progressão continuada, que foi um mecanismo usado para eliminar a reprovação dentro das escolas. Ele discute o processo evolutivo da avaliação no país, dividindo os quatro tipos de avaliação e duas abordagens (a qualitativa e a quantitativa). Em seguida, faz um paralelo entre avaliação e exame, mostrando que a essência da avaliação é justamente o seu papel pedagógico. Nesse caminho, ele ressalta ainda a distinção entre avaliação formativa e somativa para, então, desembarcar na avaliação diagnóstica.

Destaca-se como questão norteadora em relação a avaliação que ela deve “consistir na coleta de informações para formular juízos de valor que sejam educacionais” (pag. 57). Fica claro com isso o abismo entre a prática avaliativa nas escolas e o intuito educacional real da mesma. Por fim, o autor propõe uma avaliação diagnóstica que seja realizada em três fases: no início, no transcurso e uma na conclusão do ciclo. Ele chama de *modelo de avaliação diagnóstica de habilidades de leitura*, que é de caráter mais qualitativo, e uma tentativa, entre outras coisas, de chegar ao núcleo do problema de aprendizagem para resolvê-lo e; não somente, pontuá-lo como algo classificável em suficiente ou insuficiente. Uma característica básica do modelo proposto é que os dados quantitativos continuam existindo, mas são usados como subsídio para as análises do professor, para que este descreva, questione, analise, entenda e reestruture suas estratégias de ensino.

O passo seguinte, que se encontra no terceiro capítulo, traz uma abordagem sobre o que vem a ser as *matrizes de referência* no que tange às habilidades de leitura. Em suma, trata-se de um sistema de orientação para elaboração de questões avaliativas a partir das capacidades ativadas no ato de ler e compreender os diversos gêneros textuais. Tendo como base a matriz do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE), o autor explica como essas matrizes são compostas, agrupadas em eixos e distribuídas por séries. Ele passa a mergulhar na linguística de texto, traçando a relação entre as categorias textuais e as habilidades de leitura necessárias para uma formação leitora. Vale ressaltar aqui as *operações de textualização*, conceito que o autor extrai de Jean-Michel Adam e, que, são espécies de categorias descritivas “capazes de segmentar o texto ou ligar suas partes”. Através do cruzamento das habilidades de leitura descritas na matriz de referência com as ideias de Adam sobre a análise textual, Robson vai pormenorizando cada habilidade e mostrando, inclusive, possibilidades de verificação das mesmas.

O quarto capítulo marca uma divisão na narrativa que vai se caracterizar bem mais pela parte analítica dos dados. Há um apanhado da análise realizada com 11 provas de interpretação de texto aplicadas a 2.306 alunos do 5º ano do ensino fundamental. A questão interessante aqui é que essas provas foram elaboradas por professores dentro de um curso de formação (a ainda assim, apresentou ao pesquisador questionamentos iniciais sobre a eficácia delas). Esses impasses iniciais,

decorrentes de interferências de elaboração de itens, fizeram Robson traçar nova estratégia para sua análise, incluindo um novo teste específico.

A análise confirmou que as habilidades inferenciais são, em geral, pouco trabalhadas na sala de aula e que, apesar de tão completas nas matrizes de referência, as habilidades propostas não são contempladas efetivamente na sala de aula dos pesquisados. Os resultados são apresentados em três categorias, cada uma com duas habilidades da seguinte forma: Para os itens mais recorrentes destacam-se as habilidades de inferir o sentido da palavra ou expressão (D5) e de estabelecer relações entre pares de um texto (D15); Para os itens de maior percentual de acertos tem-se as habilidades de identificar o conflito gerador do enredo e outros elementos que compõem a narrativa (D19) bem como a de estabelecer relações de causa e consequência entre pares de um texto (D12); para os itens de maior percentual de erros tem-se as habilidades de reconhecer efeitos de sentido decorrentes da pontuação e outras notações (D21) e de estabelecer relações lógico-discursivas presentes nos textos (D11).

Outro ponto crucial no livro aparece com a exposição de questões que fomentam a análise, sendo um dos destaques o baixo desempenho dos alunos na habilidade D11 que se refere a estabelecer relações lógico-discursivas dos textos. As suspeitas do autor pairam entre considerar essa habilidade uma das mais complexas para os alunos, uma das menos recorrentes nas salas de aulas ou ainda, não explorada nos manuais de ensino.

Em suma, das 23 habilidades descritas na matriz de referência que o autor utilizou (SIMAVE), 16 foram identificadas nas provas analisadas. Destas, o autor separou as 6 (descritas aqui anteriormente e classificadas em categorias) tendo a habilidade D15 a maior ocorrência nas questões. Enquanto isso, as habilidades D21 e D11 foram o destaque para o maior percentual de erros, o que leva a evidências de que “operar efeitos de sentido por meio dos sinais de pontuação e de outras notações” é uma habilidade não consolidada.

Vale destacar que os esforços das análises resultam no reforço da proposta do autor: a de uma avaliação diagnóstica. Ele consegue evidenciar que as atividades de leituras nas salas de aula falham nas habilidades, de fato, necessárias para a compreensão dos discursos. Para sanar isso, defende a prática conjunta da linguística de texto e análise textual dos discursos (que ele demonstrou nos capítulos anteriores) como base mais sólida para atingir a competência leitora pretendida.

A obra torna-se especificamente diferenciada, porque, apesar do caráter denunciativo que a pesquisa possa aparentar em determinados momentos, a retórica do autor, por outro lado, evidencia muito mais o intuito colaborativo para com os colegas professores. Prova disso é o fato de apontar caminhos a partir das ferramentas que os professores já dispõem não imputando a esses profissionais culpabilidade ou reforçando pressões.

É uma leitura direcionada ao professor e que visa abrir a mente do mesmo para o papel de uma avaliação no processo da formação de leitores, de fato, competentes. Aqui retoma-se o pensamento que abriu esse texto: onde foi parar o caráter pedagógico das avaliações? É uma questão que fica nas entrelinhas durante toda essa leitura, pois, a proposta diagnóstica é basicamente um retorno inteligente (e necessário) a esse caráter.

O acompanhamento e a proposta diagnóstica dividida por etapas, é sim uma proposta válida, bem formulada e até ideal. O professor-leitor, entretanto, pode sair dessa leitura com uma angústia interna ao pensar no tempo, espaço e demais mecanismos da sua prática diária que o impedem de levar essas boas ideias para o campo do real. As formulações, porém, são tão claras que o professor já terá muito aporte, da própria obra, para iniciar um novo *modus operandi*. Cabe ao

professor recorrer ao papel de pesquisador, aplicar testes, ousar e focar seus esforços na perspectiva da formação leitora necessária entendendo que, com isso, poupará o retrabalho de habilidades já consolidadas e abrirá espaço hábil para investir nas habilidades ainda não exploradas.

Cabe, assim, recomendar que todo professor, especialmente na educação básica, faça a leitura do livro e oportunize a si mesmo o encontro com novas bases para seus processos avaliativos no ensino da leitura.

### **Referência**

CARVALHO, Robson Santos de. *Ensinar a ler aprender a avaliar. avaliação diagnóstica das habilidades de leitura*. 1 ed. São Paulo, Parábola: 2018, 176 p.

Submetido em 28/08/2019

Aceito em 10/12/2019

Publicado em 23/01/2020